

## **Formar-se Formando: Vivências e Reflexões sobre a Formação Docente no Programa Universidade Para Todos (UPT)**

**Becoming While Teaching: Experiences and Reflections on Teacher Education in the Universidade Para Todos (UPT)**

**Formarse Formando: Vivencias y Reflexiones sobre la Formación Docente en el Programa Universidad para Todos (UPT)**

Submetido: 31/07/2025 | Aceito: 28/10/2025 | Publicado: 20/12/2025

**Edivan Santana Quintino**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1768-2661>

Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Brasil

E-mail: [edivan9672@gmail.com](mailto:edivan9672@gmail.com)

### **Resumo**

Este artigo analisa a contribuição do Programa Universidade Para Todos (UPT/UNEB) para a formação docente, considerando suas ações como política pública de inclusão social e democratização do acesso ao ensino superior. A partir de uma abordagem qualitativa, fundamentada na *escrevivência* (Evaristo, 2005), o estudo apresenta narrativas e reflexões de um monitor atuante no programa entre 2022 e 2024 no polo de Senhor do Bonfim-BA, na disciplina de Biologia, que também é professor em formação. As experiências relatadas revelam os desafios, aprendizagens e transformações vivenciadas no exercício da docência em contextos marcados por desigualdades sociais. O UPT é compreendido não apenas como espaço de preparação para o ingresso universitário, mas como campo formativo, onde se articulam teoria, prática e compromisso social. Os resultados evidenciam que a monitoria no UPT promove o desenvolvimento de competências pedagógicas, sensibilidade diante das diversidades e fortalecimento da identidade docente. A atuação nas diversas extensões, por meio de práticas como rodas de conversa, uso de tecnologias, metodologias ativas e mediação de temas socioambientais, potencializou a formação crítica do educador. Conclui-se que o programa cumpre papel estratégico tanto na promoção da equidade educacional quanto na qualificação da formação inicial docente, destacando-se como uma política que une inclusão e transformação social.

**Palavras-chave:** Formação Docente; Universidade Para Todos; Educação Pública; *Escrevivência*.

### **Abstract**

This article analyzes the contribution of the University for All Program (UPT/UNEB) to teacher education, considering its actions as a public policy for social inclusion and the democratization of access to higher education. Based on a qualitative approach grounded in the concept of *escrevivência* (Evaristo, 2005), the study presents narratives and reflections from a monitor who worked in the program between 2022 and 2024 in the Biology discipline at the Senhor do Bonfim-BA center, and who is also a teacher in training. The reported experiences reveal the challenges, learning processes, and transformations involved in teaching practices within socially vulnerable contexts. UPT is understood not only as a preparatory space for university entrance but also as a formative environment where theory, practice, and social commitment converge. The findings show that participating in UPT fosters the development of pedagogical competencies, sensitivity to diversity, and the strengthening of teacher identity. Working across various extensions through practices such as dialogue circles, technology integration, active methodologies, and socio-environmental discussions enhanced the educator's critical formation. It is concluded that the program plays a strategic role in promoting educational equity and qualifying initial teacher education, standing out as a policy that unites inclusion and social transformation.

**Keywords:** Teacher Education; University for All Program; Public Education; *Escrevivência*.

### **Resumen**

Este artículo analiza la contribución del Programa Universidad Para Todos (UPT/UNEB) a la formación docente, considerando sus acciones como una política pública de inclusión social y democratización del acceso a la educación superior. A partir de un enfoque cualitativo, fundamentado en la *escrevivência* (Evaristo, 2005), el estudio presenta narrativas y reflexiones de un monitor que actuó en el programa entre 2022 y 2024 en la disciplina de Biología, en el polo de Senhor do Bonfim-BA, y que también es un docente en formación. Las experiencias relatadas revelan los desafíos, aprendizajes y transformaciones vividas en la práctica educativa en contextos marcados por la vulnerabilidad social. El UPT se comprende no solo como un espacio preparatorio para el ingreso universitario, sino como un campo formativo donde se articulan teoría, práctica y compromiso social. Los resultados

evidencian que la participación en el programa promueve el desarrollo de competencias pedagógicas, sensibilidad ante la diversidad y fortalecimiento de la identidad docente. El trabajo en distintas extensiones, mediante prácticas como círculos de diálogo, uso de tecnologías, metodologías activas y debate de temas socioambientales, potenció la formación crítica del educador. Se concluye que el programa cumple una función estratégica en la promoción de la equidad educativa y en la cualificación de la formación docente inicial, destacándose como una política que une inclusión y transformación social.  
**Palabras clave:** Formación Docente; Programa Universidad Para Todos; Educación Pública; *Escrevivência*.

## 1. Introdução

O acesso à educação superior no Brasil tem sido historicamente marcado por desigualdades sociais, econômicas e regionais. Nesse contexto, políticas públicas voltadas à democratização do ensino desempenham papel fundamental na construção de uma sociedade mais equitativa (Silva, 2018; Oliveira, 2020). O Programa Universidade Para Todos (UPT), vinculado à Universidade do Estado da Bahia (UNEB), constitui uma dessas iniciativas, oferecendo suporte pedagógico a estudantes oriundos da escola pública que desejam ingressar no ensino superior (UNEB, 2019).

Criado com o intuito de ampliar o acesso à universidade, o UPT vai além da preparação para exames vestibulares. Ao envolver professores e monitores no processo formativo, o programa configura-se também como um espaço de aprendizagem, prática e reflexão sobre a docência, contribuindo para a qualificação profissional de seus participantes (Freitas & Gomes, 2017). Destaca-se, nesse cenário, o papel dos docentes em formação que, ao atuarem como monitores, vivenciam desafios e experiências que dialogam com a realidade educacional de seus futuros contextos de trabalho (Tardif, 2002; Almeida, 2015).

A formação docente é um processo complexo que envolve não apenas a aquisição de conhecimentos teóricos e técnicos, mas também a construção de uma identidade profissional pautada em experiências, valores e práticas pedagógicas situadas (Tardif, 2002; Schön, 1983). No contexto brasileiro, esse processo enfrenta desafios históricos relacionados à valorização da profissão, à qualidade da formação inicial e à inserção no mercado de trabalho (Cunha, 2016; Pimenta, 2014).

Nesse sentido, programas de acesso à educação superior, como o Universidade Para Todos (UPT), assumem um papel estratégico. Além de democratizar o ingresso no ensino superior, o UPT contribui para o fortalecimento da formação de futuros professores, oferecendo espaços de atuação prática e reflexão pedagógica (Freire, 1996; Silva & Pereira, 2019). De acordo com Freire (1996), é na práxis — na união entre teoria e prática — que o educador se constitui como sujeito crítico de seu tempo e de sua realidade.

A inserção de estudantes de baixa renda, oriundos da escola pública, no ensino superior desafia a universidade a repensar seus métodos, currículos e abordagens pedagógicas, exigindo posturas mais inclusivas e dialógicas (Santos, 2010; Morosini, 2013). Nesse cenário, programas de apoio como o UPT não apenas preparam estudantes para processos seletivos, mas também promovem transformações nas práticas docentes, à medida que professores e monitores vivenciam contextos educacionais marcados pela diversidade e pela desigualdade social (Silva, 2018; Oliveira & Castro, 2021).

Portanto, compreender a contribuição do UPT na formação docente requer considerar aspectos estruturais (políticas públicas), institucionais (papel da universidade) e subjetivos (vivências e reflexões dos participantes), articulando teoria e prática numa perspectiva crítica e emancipadora (Duarte, 2017; Freire, 1996).

Nesse contexto, a *escrevivência*, conceito proposto por Conceição Evaristo (2005), emerge como uma abordagem epistemológica potente para narrar e refletir sobre a formação docente a partir das experiências vividas. A *escrevivência* rompe com os limites da escrita puramente técnica, valorizando a voz de quem vive a educação em contextos de vulnerabilidade. Ao trazer à tona memórias, afetos e resistências, essa escrita testemunhal possibilita compreender como o fazer docente se constrói nas margens, nos encontros e nas ausências que atravessam o cotidiano escolar.

Dessa forma, este artigo tem como objetivo refletir sobre os sentidos e impactos da formação docente a partir das vivências do autor enquanto monitor no Programa Universidade Para Todos (UPT/UNEB), utilizando a *escrevivência* como método e expressão investigativa. Busca-se compreender como as experiências vividas em sala de aula — marcadas por desafios socioeconômicos, trocas afetivas, práticas pedagógicas criativas e resistências cotidianas — contribuíram para a construção de uma docência mais crítica, sensível e comprometida com a transformação social.

## 2. Metodologia

Este artigo adota uma abordagem qualitativa, fundamentada na *escrevivência* (Evaristo, 2005), compreendida como uma forma de escrita que emerge das experiências vividas e sentidas pelo sujeito pesquisador, especialmente aquele situado em contextos de desigualdade social, racial e de gênero. A *escrevivência*, nesse sentido, ultrapassa os limites da escrita acadêmica tradicional ao valorizar a subjetividade, a memória e o cotidiano como formas legítimas de produção de conhecimento.

A produção deste trabalho ancora-se em narrativas autobiográficas e reflexões construídas a partir da atuação do autor como monitor no Programa Universidade Para Todos (UPT/UNEB). As vivências descritas não têm como objetivo universalizar realidades, mas lançar luz sobre processos formativos atravessados por afetos, desafios, conquistas e aprendizagens que contribuem para a constituição da identidade docente.

Nesta perspectiva, o relato de experiência é compreendido como uma ferramenta metodológica que possibilita a articulação entre teoria e prática, considerando que, conforme Freire (1996), a prática educativa se realiza na dialogicidade, na escuta e na ação-reflexão. Além disso, a metodologia adotada é inspirada na abordagem de pesquisa narrativa (Clandinin & Connelly, 2011), na qual o sujeito pesquisador é também sujeito de sua própria história.

Assim, o texto se constrói a partir de fragmentos de memória, cenas vividas e reflexões pedagógicas desenvolvidas ao longo da experiência no UPT entre os anos de 2022 e 2024. Esses elementos são mobilizados como matéria-prima para refletir sobre o processo de formação docente em um contexto marcado por vulnerabilidades sociais e pela potência da educação como prática transformadora.

### ***3. Do Quadro ao Coração: A Formação Docente pelo Caminho da Escrivência no UPT***

No ano de 2022, as noites começavam cedo. O peso do quadro branco na mão esquerda e o pen drive no bolso me lembravam que, naquele dia, algo novo nasceria entre palavras, olhares curiosos e silêncios atentos. Em cada extensão, semeavam-se mundos possíveis e futuros pensáveis.

O brilho nos olhos dos alunos ao compreenderem os conteúdos — fosse sobre relações ecológicas ou impactos ambientais — fazia tudo valer a pena. Eram rodas de conversa, jogos educativos, nuvens de palavras espalhadas pelo chão da sala ou construídas no quadro. Cada palavra era uma semente. Cada diálogo, uma ponte.

Num desses encontros, discutimos o tema “racismo ambiental”. O sarau começou tímido, mas bastou o primeiro verso ser entoado para que a emoção tomasse o espaço. “Quando o saber encontra a dor, nasce o grito que educa” — pensei. Ali, a Biologia cruzava com a História, e a ciência ganhava rosto, cor e memória. Como afirma Freire (1996), ensinar exige coragem para lutar, pois “não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes”. O que presenciei nessas salas foi exatamente isso: saberes que se cruzam e se respeitam.

Nem sempre as turmas estavam cheias. Após as isenções do vestibular, muitos estudantes se afastaram. Mas os que ficaram, ficaram de coração. Discutiam, criticavam, propunham. Falavam do lixo na rua, da seca no roçado, do desmatamento próximo à roça da avó. Eram cientistas em construção, poetas do cotidiano.

As aulas fluíam. “Não tenho observações, só gratidão”, escrevi num relatório. E era verdade. O quadro e o apagador tornavam-se varinhas mágicas em mãos que desejavam mais do que ensinar: desejavam transformar. Como diria bell hooks (2013), o ato de ensinar deve ser também um ato de amor — uma prática performativa que cria possibilidades de liberdade.

Se a educação é um ato político, como defendia Paulo Freire, então nossas aulas foram trincheiras de esperança. Este relato não busca enaltecer feitos, mas registrar que, em cada extensão — Jaguarari, Itiúba, Filadélfia, Ponto Novo, São Tomé — houve vida. Houve suor, sorriso, lágrimas contidas e abraços apertados ao final da noite. Houve amor em forma de conhecimento. E isso, ninguém nos tira.

Julho de 2023 marcou o início de um novo ciclo. Com o calor do Sertão e os olhos atentos dos jovens nas extensões de Filadélfia, Jaguarari, Ponto Novo, Itiúba, São Tomé e do Centro Juvenil em Senhor do Bonfim, iniciei outra travessia no UPT. Os rostos curiosos, ansiosos, esperançosos, me lembravam da

minha própria caminhada como aluno do programa em 2017, na cidade de Jacobina. Sonhava com um lugar na universidade e via no estudo uma ponte para a transformação.

Ensinar Biologia era o objetivo, mas logo compreendi que, mais importante que o conteúdo, era a presença. Mais do que falar sobre origem da vida, citologia ou ecologia, era preciso escuta, empatia, afeto. Como reforça José Pacheco (2012), o educador precisa abandonar o controle do saber e abrir-se ao risco do novo — e o novo, no UPT, sempre vinha com nome, rosto e história.

As rodas de conversa substituíam a rigidez das carteiras enfileiradas. O quadro e o data show dividiam espaço com as narrativas dos alunos, que, pouco a pouco, se reconheciam como sujeitos do próprio saber.

Agosto trouxe desafios: paralisações, pontos facultativos, ausências. Quando a sala esvaziava, minha vontade de ensinar se multiplicava. Mesmo com poucos alunos, cada um trazia um universo inteiro. Em São Tomé, as aulas online eram atravessadas pelo silêncio. Ainda assim, segui — porque acreditava que uma palavra podia romper distâncias.

Setembro foi o mês da inquietação criativa. Com dinâmicas e jogos, vi nos olhos dos estudantes o brilho de quem percebe que aprender pode, sim, ser prazeroso. A Biologia deixava de ser teoria e se tornava experiência viva. A cada aula, uma nova conquista. A cada debate sobre evolução, uma evolução nossa também.

Em outubro, a criatividade transbordou. Transformamos conteúdos em jogos, vídeos, desafios. Vi estudantes tímidos se tornarem protagonistas. Explicavam organelas celulares com entusiasmo, refletiam sobre os impactos ambientais com a seriedade de quem compreende a urgência do agora. Como propõe bell hooks (2013), o ensino transgressor parte do afeto e da criatividade para engajar o estudante na construção crítica do saber.

Novembro chegou, e com ele, os silêncios. Simulados, despedidas, salas esvaziadas. A falta de transporte pesava. A proximidade do fim do ciclo, também. Mas os que ficaram carregavam o desejo de continuar. Vi aprovações em vestibulares. Vi esperança traduzida em olhos que compreendiam que o estudo não era apenas conteúdo — era resistência.

Em dezembro, tive a oportunidade de realizar diversos aulões, mas um em especial permanece vivo na memória: aquele realizado na extensão de Lages dos Negros, comunidade quilombola de Campo Formoso-BA. Ali, o ensino encontrou ancestralidade, resistência e afetos profundos. Foi nesse contexto que me aproximei de uma educadora inesquecível — a eterna Professora Maria Iraides, carinhosamente chamada de Professora Irá (in memoriam). Com sua sabedoria generosa, ela me ensinou, acolheu e fortaleceu. Sua presença, mesmo hoje ausente fisicamente, continua a iluminar meu caminho como educador.

Falar do UPT é falar de uma travessia. Lembrar das falhas de internet, do calor escaldante, das salas cheias ou quase vazias, dos cadernos marcados com dúvidas e sonhos. É lembrar que ensinar também é aprender. É ser tocado pelas realidades dos estudantes e, mesmo diante dos obstáculos, não perder a esperança.

Como monitor, tornei-me mais forte, mais sensível, mais certo de que educar é um ato político, afetivo e transformador. Carrego comigo não apenas relatórios, mas *escrevivências* — memórias vivas que me acompanharão por toda a minha caminhada como educador.

O chão da sala de aula nunca é o mesmo, embora pareça. Em cada extensão — Itiúba, Ponto Novo, Filadélfia, Campo Formoso, Missão do Sahy, Andorinha — o que se pisa é mais que solo: é chão de esperança, de resistência, de aprendizado mútuo.

Em 2024, mesmo já com o diploma de Licenciatura em Ciências Biológicas em mãos, eu ainda me sentia em formação. Cada aula, cada encontro, cada troca era uma oportunidade de me refazer como educador. O chão do UPT continuava me ensinando — com humildade, com amor, com verdade.

Começamos falando da origem da vida e terminamos redescobrimo a origem da nossa própria existência enquanto educadores. Ensinar sobre moléculas, células, organelas, ecossistemas, impactos ambientais... deixou de ser conteúdo de slide. Tornou-se ponte entre o mundo científico e a vida real dos alunos. Em muitas turmas, o número era pequeno — por vezes, apenas uma aluna — mas acreditei na força da presença. Porque, às vezes, uma vida basta para justificar toda uma missão.

Recordo uma aula com o vídeo “*Construindo o Planeta Terra*”, em Filadélfia. Um Cinebio com pipoca, suco e olhos atentos. Eles não apenas assistiram: refletiram, escreveram, se emocionaram. Ali, vi a potência de metodologias afetivas, onde conteúdo e cuidado se entrelaçam. Ali, vi que ensinar é, antes de tudo, acreditar.

Sim, houve dificuldades: evasão, transporte, silêncio virtual. Mas também houve reencontros. Em novembro, caminhamos pelos corredores e laboratórios de Biologia da UNEB no DEDC VII. Nos olhos deles, vi a projeção de um sonho. E compreendi: o UPT é mais do que preparação para o vestibular — é preparação para a vida.

Já no encerramento do programa, ouvi de uma aluna: “Professor, por que a gente não faz uma viagem? Um lugar onde possamos mostrar essa nossa alegria e a confiança de que vamos passar no vestibular.”

A ideia fez sentido. E, juntos, tornamos esse sonho realidade. Organizamos uma viagem às Dunas do Velho Chico, na cidade de Casa Nova-BA. A mobilização para esse momento foi reveladora: vi estudantes assumirem o protagonismo, organizando transporte, alimentação e até envolvendo suas famílias

no processo. Era mais do que uma simples viagem — era um rito de passagem, uma celebração da caminhada, uma reafirmação de que o futuro era possível.

Aprendi que nem sempre se ensina com certezas, mas sempre se educa com disponibilidade para o encontro. Foi esse encontro — com os estudantes, com os colegas, com a escola pública — que me moldou. Sigo com marcas profundas. E que bom que essas marcas doem bonito: doem porque ensinam, doem porque fazem crescer.

Entre células e sonhos, entre ecologia e humanidade, entre conteúdo e contexto, compreendi que ser monitor no UPT é mais do que aplicar aulas — é viver uma *escrevivência*. Como afirma Conceição Evaristo (2007), “nossos textos carregam nossas marcas, nossas dores e nossas vozes”. Transformar a experiência em escrita, a escrita em memória, e a memória em permanência — eis o legado da docência vivida com o coração.

#### 4. Conclusão

A experiência vivenciada como monitor no Programa Universidade Para Todos (UPT/UNEB) evidenciou que a formação docente não se restringe aos espaços formais de ensino ou ao domínio de conteúdos específicos. Ela se constitui, sobretudo, na tessitura entre teoria, prática, afeto e compromisso social. Por meio da *escrevivência*, foi possível narrar uma trajetória marcada por desafios estruturais, mas também por descobertas pedagógicas e encontros profundamente transformadores.

A atuação nas extensões do programa revelou que ensinar é, antes de tudo, um ato de escuta e de presença. Diante da ausência de recursos, do esvaziamento das turmas e das dificuldades logísticas, resistiu-se com criatividade, afeto e desejo de transformação. A cada aula, uma reconstrução da prática docente se fazia necessária. E, como demonstrado nas reflexões tecidas ao longo deste texto, esse processo não ocorre de forma neutra: é atravessado por dimensões sociais, culturais e políticas que moldam o ser e o fazer do educador.

O UPT, nesse sentido, se configura como um espaço formativo potente, não apenas para os estudantes que almejam o ingresso no ensino superior, mas também para os monitores, que experienciam na prática o que Freire (1996) denominou *práxis*: a união entre reflexão e ação na perspectiva da transformação social. Ao vivenciar a realidade das escolas públicas do interior da Bahia, o monitor é desafiado a reinventar a docência, compreendendo que a pedagogia do afeto, da escuta e da presença é tão essencial quanto os conteúdos curriculares.

A *escrevivência*, como recurso metodológico e epistemológico, permitiu dar voz à experiência vivida, tornando visível aquilo que muitas vezes se perde entre estatísticas e relatórios institucionais. Como afirma Conceição Evaristo (2005), escrever a partir da vida é também afirmar a existência e resistir aos

apagamentos. Assim, este artigo se inscreve como testemunho e também como proposta: a de reconhecer, nas vivências cotidianas dos programas sociais e educacionais, uma fonte legítima de saber e de formação.

Conclui-se, portanto, que o UPT/UNEB desempenha um papel fundamental não apenas na democratização do acesso à universidade, mas também na formação de uma nova geração de educadores — mais sensíveis, engajados e comprometidos com a transformação da realidade social. Que essa experiência continue a florescer em outras vozes, outras histórias e outras escrevivências — porque, como nos ensina a educação freiriana, cada ato de ensinar é, também, um ato de esperança.

### Agradecimentos

Agradeço à Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e à coordenação do Programa Universidade Para Todos (UPT) pela oportunidade de participação e aprendizado ao longo do programa. Estendo minha gratidão aos demais monitores, bem como a toda a equipe, incluindo as Coordenações de polo de 2022 e 2023 — Prof<sup>ª</sup> Elizete e Prof<sup>ª</sup> Maria Iraídes (in memoriam) — e de 2024 — Prof<sup>ª</sup> Silvana e Prof<sup>ª</sup> Viviane —, além dos gestores e do apoio nas extensões.

Meu agradecimento se estende também aos motoristas das extensões e, especialmente, aos estudantes, reconhecendo que todos contribuíram significativamente para esta experiência, tornando possível a construção deste trabalho.

Por fim, agradeço à minha família e amigos, que estiveram presentes com incentivo, escuta e diálogo ao longo deste percurso acadêmico.

### Referências

ALMEIDA, R. F. Formação docente e prática pedagógica: um diálogo necessário. *Educação em Foco*, Juiz de Fora, v. 12, n. 3, p. 45-60, 2015.

BRASIL. Lei nº 11.096, de 13 de janeiro de 2005. Dispõe sobre o Programa Universidade para Todos – UPT. Diário Oficial da União, Brasília, 2005.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. *Narrative inquiry: experience and story in qualitative research*. San Francisco: Jossey-Bass, 2000.

CUNHA, M. A. Valorização da profissão docente: desafios e perspectivas. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 46, n. 160, p. 1005-1023, 2016.

DUARTE, J. P. Políticas públicas e formação de professores. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 38, n. 137, p. 1125-1142, 2017.

EVARISTO, Conceição. *Escrevivência: a escrita de nós*. Revista **As Minas**, n. 2, 2005. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/escrevivencia-a-escrita-de-nos-conceicao-evaristo/>. Acesso em: 12 maio 2025.

- EVARISTO, Conceição. *Escrevivências e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREITAS, L. R.; GOMES, T. M. Programa Universidade Para Todos e formação docente. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 22, p. e220024, 2017.
- HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- MOROSINI, M. C. Ensino superior e inclusão social: novos desafios. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 123-139, 2013.
- OLIVEIRA, F. S.; CASTRO, P. R. Educação, diversidade e inclusão: repensando práticas pedagógicas. *Educação em Perspectiva*, Viçosa, v. 11, n. 2, p. 56-70, 2021.
- PACHECO, José. *Educação: Formação Humana em Primeiro Lugar*. Campinas: Papyrus, 2012.
- PIMENTA, S. G. Formação de professores: saberes da docência e identidade do professor. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 29, p. 1-12, 2014.
- SANTOS, B. S. A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 31, n. 110, p. 143-161, 2010.
- SCHÖN, D. A. *Educating the reflective practitioner: toward a new design for teaching and learning in the professions*. San Francisco: Jossey-Bass, 1983.
- SILVA, J. R. Inclusão social e acesso à universidade no Brasil. *Revista de Políticas Públicas*, São Luís, v. 24, n. 4, p. 1129-1148, 2018.
- SILVA, M. L.; PEREIRA, A. C. Práticas pedagógicas e inclusão social. *Revista Latino-Americana de Educação*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 335-350, 2019.
- UNEB. *Programa Universidade Para Todos – Relatório Anual*. Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2019.